



O futuro chegou?

*Análise sobre a “Entrevista para o Futuro”,
de Herculano Pires e Jorge Rizzini, 53 anos
depois*

*Marcelo Henrique, Nelson Santos e Manoel
Fernandes Neto*

*As produções literárias espíritas são conteúdos que podem (e
devem) ser objeto de análise e debates, sobretudo para a
verificação de duas premissas importantes, em termos de Filosofia
Espírita. A primeira, a de verificação se as afirmações, de Kardec e
de outros pensadores espiritistas “sobreviveram” ao transcurso do
tempo, a partir do cotejo com informações derivadas das Ciências.*

*E a segunda, derivada do exercício intelectual, lógico-racional,
assim como da oitiva das Inteligências Invisíveis, por meio de
evocações, naquilo que Kardec definiu como “progressividade dos
ensinos espíritas”. É o que fazemos com este texto autoral,
derivado de uma entrevista concedida pelo maior filósofo espírita
brasileiro, José Herculano Pires ao seu biógrafo, o jornalista Jorge
Rizzini.*

Introdução

Existem textos que são imemoriais. Transcendem ao tempo em que foram escritos (e o mesmo vale para a transcrição de entrevistas, por exemplo). Mas, por serem um destacado recorte de um dado momento existencial, certas nuances carecem de explicações complementares, sobretudo se, consoante à Lei do Progresso, novas informações (oportunas, compatíveis e correlatas) forem apresentadas. É o que faremos em relação à entrevista concedida por Herculano Pires a Jorge Rizzini, em 1972, e que ficou inédita por 40 (quarenta) anos.

A publicação da transcrição da conversa entre esses dois legítimos representantes da Filosofia Espírita, Herculano e Jorge, apresentou o seguinte preâmbulo: “J. Herculano Pires concedeu a Jorge Rizzini, em 14 de julho de 1972, e que foi mantida inédita por 40 anos. A data lembra a Tomada da Bastilha, evento central da Revolução Francesa, ocorrido em 14 de julho de 1789”. [1]

A entrevista será, abaixo, reproduzida e, quando cabível, apresentaremos, em notas logo após os textos, para facilitar a leitura, os oportunos comentários.

A obra pioneira espírita

Jorge Rizzini – Quem vos fala é Jorge Rizzini, e hoje é o dia 14 de julho do ano de 1972. E eu me encontro nesse momento na casa de Herculano Pires a fim de gravar, nesta fita, uma conversa assim, vamos dizer, que será julgada para a posteridade. Esta fita, não vamos divulgá-la na atualidade. É realmente o futuro; visa aos

ouvintes do futuro. Isto é muito importante, porque é um depoimento que irá ficar na história do Espiritismo, na história do movimento espírita de São Paulo e do Brasil. Informal, sem outro objetivo que não seja aquele de dar o parecer do Herculano Pires, o parecer atual de Herculano Pires, porém projetado no futuro. É uma visão, vamos dizer, à distância e vendo o futuro.

Quem de nós já não buscou “antecipar o futuro”? Nossa fértil imaginação, seja no campo pessoal (e suas diferentes facetas, familiar, conjugal, profissional, fraterna, etc.), seja no cenário social, coletivo, muito se projeta como desejo e percepção para o porvir. E, mais particularmente, quantos de nós já escrevemos algo, deixamos guardado (numa gaveta ou escaninho qualquer, ou numa estante, se for um livro ou um caderno de “memórias”) e, alguns anos (ou décadas) depois, vamos reler? Será que o nosso pensamento continua o mesmo, parcial ou totalmente? Será que, hoje, escreveríamos diversamente? Suposições...

De modo que nós vamos, primeiramente, fazer a seguinte pergunta ao Herculano, porque se trata de um homem que tem realmente uma visão muito ampla, uma visão aprofundada das culturas de vários países e de várias épocas. Vamos perguntar ao Herculano o seguinte: suponhamos que Herculano Pires estivesse no século passado, vivendo na França, e visse nas livrarias de Paris “O livro dos Espíritos”, de Allan Kardec, que então teria sido lançado neste dia. Como Herculano veria essa obra? Qual a impressão que teria após a leitura dessa obra?

J. Herculano Pires – Jorge Rizzini, você me dá uma oportunidade de fazer aqui, já que você não pretende divulgar imediatamente isto – esta é uma fita que vai ficar para o futuro –, eu nunca pensei que tivesse oportunidade de falar para o futuro. Acho que é uma pretensão muito grande, mas em todo caso, como você está abrindo esta porta, eu vou falar para o futuro.

Por que seria pretensioso falar para o futuro? O que temia Herculano? Será que teria receio em relação aos efeitos do progresso, tanto o material quanto o espiritual, diante da própria marcha do Universo? Não vamos cogitar de afirmar o que se passava pela cabeça do notório professor; preferimos que cada qual, de per si, cogite...

Eu queria dizer a você que no século passado, e isto não é um sonho, uma ilusão, é uma convicção adquirida através de pesquisas que eu fiz – que nunca revelei a ninguém –, mas que eu fiz levado por uma revelação, uma revelação completamente inesperada através de um médium inteiramente ignorante no assunto, e que me abriu o caminho para uma possibilidade muito interessante. Vamos esclarecer isto. No século passado, eu estive na França realmente, mas não era francês; eu era português, eu morava em Portugal, tive uma encarnação em Portugal. Eu fui parar na França como exilado, e como exilado eu tomei conhecimento do Espiritismo.

Mas não aceitei o Espiritismo, porque eu era católico, e era um tipo de católico muito interessante – muito comum, aliás, em Portugal

naquela época –, um católico que discordava dos padres, brigava com o clero e não aceitava muito o catolicismo. O meu desejo era encontrar uma forma de fazer o cristianismo voltar ao seu estado primitivo, quer dizer, voltar à verdade pura do Cristo. Era este o meu desejo. Como naquela época eu era também jornalista, como sou hoje, isso ficou gravado em alguns jornais portugueses – e se pode constatar –, de modo que isso me facilitou muito a verificação da realidade.

Herculano tem informações que derivam de “insights”, pequenas memórias do Espíritos que surgem seja acidentalmente seja por contextos vividos, e, também, relatos mediúnicos sobre sua existência anterior. Nesse ponto, afasta-se completamente qualquer suposição – pela envergadura herculanista, sua formação, atuação e por sua vasta bibliografia (mais de 80 livros), que Pires poderia ser Rivail reencarnado, tal a riqueza de detalhes aqui exposta.

Por outro lado, há aqueles adeptos do Espiritismo que gostam de pesquisar sobre QUEM seria tal personalidade na existência anterior, inclusive com base em registros históricos e documentais.

Todavia, Herculano já teria afirmado, ao próprio Rizzini [2], ter sido um escritor português, Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo (1810-1877), escritor, historiador e jornalista português, um dos principais expoentes do Romantismo em Portugal [3].

Jorge Rizzini – Um pormenor, Herculano: você se lembraria do nome que então você tinha?

J. Herculano Pires – Eu não quero dizê-lo Rizzini, você me perdoa isso; mas eu não quero dizer. Eu sei que nessa ocasião...

Jorge Rizzini – Mas é uma fita para o futuro!

J. Herculano Pires – Sim, mas o futuro depois verá. Mas eu tive então a oportunidade de saber que estava se processando uma nova revelação, aquela coisa toda. Mas como católico, eu tinha ideia de que Portugal era um país profundamente católico e que qualquer infiltração de outra religião lá seria prejudicial, porque o povo não estava à altura – segundo eu pensava – de aceitar uma nova concepção de Deus. Então eu não adotei o Espiritismo, continuei católico até o fim, mas um católico às avessas porque completamente em luta com o próprio clero.

ECK ENTREVISTA

Então eu diria a você: eu não tenho certeza se eu vi algum livro espírita. Eu sei que tive conhecimento do Espiritismo, mas se eu visse “O livro dos Espíritos” em Paris nesse dia 14 de julho, naquela época, na Tomada da Bastilha, na data da Tomada da Bastilha, certamente não teria o impacto que hoje me provocaria essa visão. Porque não sabia ainda o que era o Espiritismo, nem compreendia, nem tinha possibilidade de saber que o Espiritismo realizava aquele meu sonho, o sonho da volta ao cristianismo primitivo. Só depois de passar para o mundo espiritual foi que eu tive contato pleno com a nova revelação.

E interessante: foi no espaço em que eu me tornei espírita. Quando eu vim para a Terra, portanto, nascendo aqui no Brasil, dessa vez, e nascendo em Avaré, no estado de São Paulo, no dia 25 de setembro de 1914...

Curiosamente, Herculano afirma que a sua “conversão” às ideias espíritas ocorreu “no espaço”, isto é, na condição de desencarnado.

Em que situação ou situações teria ocorrido isto?

Como entendemos que a condição de imaterialidade não nos “catapulta” para lugares na “Espiritualidade” em que ocorram “estudo” e “formação”, mas, obviamente, haja aprendizado em tal condição e o Espíritos possa continuar progredindo, Alexandre Herculano (sua identidade em existência física anterior) [4] deveria estar acompanhando tudo o que se passava em Portugal e nos países vizinhos, e a proximidade com as ideias espirituais – sobretudo aquelas integrantes da Filosofia Espírita e das práticas consoante as orientações de Kardec. Como já era um Espíritos com uma visão ampliada, humanista, livre pensadora e espiritualizada, entendemos que a vinculação dele às premissas espíritas foi natural e consequente.

Jorge Rizzini – Um menino católico também...

J. Herculano Pires – Também de uma família católica, tendo educação católica, eu, entretanto, já trazia ideias espíritas bem acentuadas, que foram se revelando em mim independentemente de qualquer influência exterior, de maneira que, agora sim, se eu

tivesse depois disso um encontro com “O livro dos Espíritos”, numa livraria de Paris, para mim seria uma grande emoção, uma emoção extraordinária.

Vê-se, aqui, um Herculano emotivo e sensível, assim como, confirmando, por reminiscências espirituais – muito comuns, até espontaneamente, em relação ao passado (outras vidas) – sua familiaridade com os conceitos espíritas.

Olhando ao nosso redor e, porque não dizer, para nós mesmos, também podemos atestar a circunstância de que as ideias vão desabrochando aos poucos, e os despertares para visões e entendimentos obedece a uma sequência natural, como se repetíssemos conhecido axioma: “Em a Natureza nada dá saltos”

[5].

ECK ENTREVISTA

Jorge Rizzini – E se você encontrasse, nesta hipótese, por uma das ruas do centro de Paris, de súbito, ao dobrar uma esquina, a figura de Allan Kardec?

J. Herculano Pires – Bom, se eu encontrasse agora, nesta época, quer dizer, depois que sou espírita, então para mim seria uma coisa extraordinária, porque Allan Kardec representa para mim a figura exponencial dos novos tempos na Terra. Assim como Jesus veio para implantar no mundo o reino de Deus, e realmente realizou esse trabalho maravilhoso de implantação do reino de Deus, ele o implantou no coração e na consciência dos homens, dos poucos

homens que foram capazes de compreendê-lo até hoje, mas implantou na Terra.

E esse reino de Deus vai se desenvolvendo lentamente através dos séculos e vai se realizando apesar dos homens, de maneira que Jesus representou essa figura extraordinária, e Kardec é o seu continuador. Kardec foi aquele que veio trabalhar na era decisiva da implantação do reino de Deus em maior amplitude, quando o reino de Deus vai se efetivar na Terra. Kardec é que trouxe – recebendo o amparo do Espíritos da Verdade, a revelação que o Espíritos da Verdade transmitiu – esta possibilidade extraordinária de abrir as perspectivas do mundo para uma era inteiramente nova, que está nascendo aos nossos olhos neste momento, neste século 20.

Assim como Kardec, que escreveu projetando que o Espiritismo influenciaria significativamente os humanos terrenos, a ponto de direcionar homens e sociedades ao alcance da condição de plano regenerado, nas primeiras décadas do século seguinte ao dele, no caso o XX [6]. E, também, influenciado pela resposta das Inteligências Invisíveis, que ele se tornaria “crença comum” [7]. As perspectivas de Herculano Pires sobre o limiar de uma nova era, também naquele século (XX), onde estava ele encarnado, não foram exitosas. Assim, a humanidade continuou apegada a dogmas e misticismos, não permitindo a necessária espiritualização, e, por consequência, viram-se tolhidos o livre pensamento e, consequentemente, o progresso.

Jorge Rizzini – Muito bem, Herculano. Então se passaram cento e tantos anos que Allan Kardec fez a codificação da doutrina espírita no planeta Terra. Pois bem, como você vê hoje, cento e tantos anos depois, a doutrina espírita em face da humanidade atual?

J. Herculano Pires – Vejo a doutrina espírita, nesse momento, como a única solução para os problemas que afligem a nossa humanidade. Realmente é ela que traz o remédio para todos os males do planeta. Por quê? Porque ela indica os caminhos em todos os sentidos, ela representa, neste momento na Terra, o alicerce de uma nova civilização: a civilização do futuro – para a qual talvez nós estejamos falando nesse momento.

Essa civilização do futuro será construída pelos lineamentos da doutrina espírita. A doutrina espírita é o planejamento geral dessa civilização, e ela está se erguendo nesse sentido, sobre esses alicerces – os alicerces da codificação –, incluindo-se também na codificação, é conveniente dizer, os doze volumes da Revista Espírita do tempo de Allan Kardec, redigidos por ele. Incluindo-se aí, nós temos então um vasto alicerce sobre o qual se desenvolverá a civilização do futuro. Isso nós estamos vendo agora, Rizzini, neste momento, porque nós estamos vendo que tanto no campo das ciências, quanto da filosofia, quanto no campo da religião, os lineamentos do Espiritismo estão sendo cumpridos, estão sendo seguidos para a construção de um novo edifício.

A afirmação de Herculano sobre ser o Espiritismo a única solução para os problemas humanos é compreensível, mas pouco efetiva.

Temos dito e escrito que a Filosofia Espírita é pouquíssimo conhecida no mundo, em seus fundamentos e princípios fundamentais. E, mesmo para os poucos que a conhecem (em termos de população humana atual na Terra), há uma predileção em relação às práticas religiosas, razão pela qual muitos continuam professando a fé original, baseada em dogmas, e os reproduzindo, ainda que parcialmente, nas atividades espíritas de que participam.

Por outro lado, se ampliarmos o escopo da mensagem espiritista para compreender o *quantum* de cristãos existentes no mundo, também a ideia de acreditar no poder de persuasão desta mensagem é ufanista, uma vez que dois terços da população terrena sequer seguem os ensinamentos de Jesus de Nazaré (Yeshua). Melhor seria, entretanto, e com maior poder de alcance, entender que o conhecimento espiritual não é privilégio nem patrimônio do Espiritismo (como também não o é do Cristianismo), lembrando as próprias palavras atribuídas a Yeshua: “o vento sopra onde quer” (Jo; 3:8).

Apesar de que o edifício doutrinário poderia ser a pedra angular de uma sociedade espiritualizada, humanista e progressista, Herculano

Pires esboça uma visão bastante utópica acerca da área de influência dos fundamentos espiritistas. Por isso, a compreensão do pensamento legitimamente kardeciano ainda permanece longínqua do meio espírita e aquém do almejado, pois a sociedade ainda encontra-se imersa num fundamentalismo religioso, relegando, sistematicamente, a ciência e a filosofia para o segundo plano e

acreditando misticamente que a transformação individual e coletiva são obras dos Espíritos mais avançados e que o progresso irá ocorrer com, sem ou apesar dos humanos (encarnados).

Jorge Rizzini – Bem, Herculano, você acaba de abrir um parêntese aqui. Nós vamos formular, de acordo com o que você disse, três perguntas que são básicas para esses ouvintes. Primeira pergunta: como você vê, em face da evolução dos nossos dias, o aspecto científico do Espiritismo? É a primeira pergunta. A doutrina espírita responde aos anseios, às interrogações da ciência moderna, nesse momento em que o homem está buscando novos mundos através da astronáutica?

Esta pergunta demonstra de modo inequívoco a estatura espiritual e a profundidade de Jorge Rizzini, numa leitura perfeita de Kardec (e a proposta que ele entabulou para a permanência do Espiritismo como uma proposta arejada, compatível com o progresso das Ciências e, também, aberto a novas investigações baseadas no “laboratório espírita”, isto é, a análise lógico-racional das comunicações mediúnicas, tarefa que, infelizmente, desde que aqui aportou, no fim do Século XIX, o Espiritismo brasileiro não honrou nem consolidou.

J. Herculano Pires – Você tocou no ponto importante para se desenvolver o problema. Realmente, a simples pesquisa cósmica que se está fazendo neste momento já vem confirmar um dos pontos básicos do Espiritismo. É o Espiritismo no campo do pensamento moderno, aquela doutrina que afirmou e que vem

afirmando há quase um século e meio, vem sustentando a existência real dos mundos habitados no espaço. Assim, o Espiritismo precedeu de mais de um século o advento da astronáutica.

Sim, Herculano. Não havia, obviamente, no Século XIX, a astronáutica, mas devemos a Copérnico (1473-1543), a Galileu (1564-1642), a Kepler (1571-1630) e a Newton (1643-1727), as transformações em relação à Astronomia, desafiando, inclusive, os dogmas religiosos dominantes na Europa (e no Mundo), num percurso de muitos séculos [8]. Galileu, inclusive, utilizou um invento seu (telescópio astronômico), para divisar a composição do nosso Sistema Solar.

Isto bastaria para mostrar que no campo das ciências, nós encontramos no Espiritismo uma antecipação muito grande a todas as conquistas atuais, porque a astronáutica, ela não resulta apenas de uma tentativa isolada de penetração no cosmos; a astronáutica resulta de um conjunto de evoluções científicas, de processos de desenvolvimento em vários campos da ciência que permitiram então essa tentativa cósmica. Mas, considerando que a ciência que mais contribuiu para esse desenvolvimento foi a física, nós podemos examinar no campo da física o que se passa neste momento. Nós sabemos que depois da penetração, na estrutura da matéria através da física atômica e depois da física nuclear, nós agora já estamos além da matéria com a descoberta, pela física, da antimatéria.

De fato, a Física foi uma das Ciências que mais avançou, permitindo o descortinar das partículas e subpartículas do átomo,

assim como teorias e experimentos sobre a matéria e o mundo quântico, destacando-se os pioneiros Roentgen, Becquerel, Planck, Einstein, Bohr, De Broglie, Heisenberg e Schroedinger, por exemplo [9].

Também na Física, um dilema einsteiniano continua sendo objeto de muitos experimentos e teorizações, demonstrando, até aqui, a incompatibilidade - mas não o cancelamento - entre a teoria da relatividade e a mecânica quântica. A primeira demonstrou, como sabemos, a melhor descrição do que acontece em grande escala, seja no Sistema Solar, seja em relação aos buracos negros ou a origem do Universo. Em paralelo, a segunda é totalmente adequada para explicar os comportamentos das menores partículas do Universo (elétrons, glúons e quarks) que formam os átomos [10].

Que se dirá, então, da nanotecnologia que representa os estudos da matéria em escala atômica e molecular, para o desenvolvimento, por exemplo de matéria para distintas áreas do conhecimento humano (medicina, biologia, física, química, engenharia, eletrônica, ciência da computação [11].

Ora, a descoberta da antimatéria representa inegavelmente um rompimento de toda estrutura puramente materialista da física do século 18 e do século 19. A física perde, por assim dizer, a sua qualidade de ciência da matéria, porque ela já passou a investigar o campo da antimatéria, reconhecendo que essa antimatéria, não obstante esteja presente junto à matéria, não obstante se entranhe, por assim dizer, na matéria, interpenetrando-a, esta antimatéria não é matéria. Por isso mesmo que lhe dá o nome de antimatéria. Ela representa um outro elemento. E, além disso, nós sabemos que

esta conquista da física projetou-se, por exemplo, na astronomia, de uma maneira bastante significativa, porque os astrônomos, diante das conquistas progressivas da física no campo da antimatéria, passaram a admitir a existência de mundos de antimatéria.

Esses mundos de antimatéria no cosmo podem ser considerados por nós, espíritas, como aqueles elementos que constituem o outro mundo, o mundo espiritual de que fala o Espiritismo. Ora, descobrindo-se então a existência dos mundos espirituais no espaço, nós estamos em face de uma perspectiva inteiramente nova nas ciências e que vem confirmar princípios básicos do Espiritismo. Mas, caminhando ainda no campo da astronomia, nós veremos que até certos enganos verificados nesse processo científico deram resultados favoráveis ao Espiritismo.

Herculano tem uma ideia bastante vaga do que seria antimatéria.

Para o Professor, ambientado na parte final do século XX (ele escreve isto no início da década de 70, como consta no preâmbulo da entrevista), antimatéria seria não-matéria, ou seja, algo “espiritual”, remontando à teoria kardeciana dos dois elementos gerais do Universo: Espírito e matéria [12]. A Física, como dissemos, evoluiu muito em seus experimentos e teorias, para a compreensão da antimatéria que, segundo os cientistas, é elemento presente na criação (segundo a Ciência, o *Big Bang*). A antimatéria, assim, é o oposto da matéria (de que são feitos planetas e estrelas). Conforme estudo publicado na conceituada revista “Nature”, tanto a matéria quanto a antimatéria respondem da mesma maneira à

gravidade. Logo, não seria o Espírito, pois este não se acha sujeito à lei (física) da gravidade [13].

Assim, as afirmações do Professor, logicamente circunstanciadas ao tempo-espaço de sua última encarnação, especificamente no que concerne às correlações teóricas espiritistas sobre antimatéria mostram-se equivocadas; antimatéria não deixa de ser matéria, pois tem todas as propriedades daquela, porém, com carga elétrica oposta.

Eu quero lembrar aqui, por exemplo, uma teoria exposta no livro de Isaac Asimov sobre o universo, uma teoria que ele formulou para explicar a possibilidade da existência simultânea de mundos de matéria e de antimatéria no espaço. De acordo com o que pensavam os cientistas até há pouco tempo, até a questão de uns dois ou três anos atrás, de acordo com o que pensavam os cientistas, os mundos de antimatéria eram completamente isolados, distanciados dos mundos de matéria. Não poderia haver um encontro, um contato desses mundos, porque eles explodiriam. Isso em virtude do quê? Em virtude de pesquisas de laboratório, onde a criação, a produção de uma partícula que fosse, uma partícula mínima atômica de antimatéria, essa produção não tinha duração, porque ela mal se encontrava com a partícula contrária de matéria, da sua mesma natureza, mas oposta, e as duas explodiam e, dessa explosão, resultava a formação de raios gama.

Então os cientistas chegaram à conclusão de que como há fontes no espaço, grandes fontes distanciadas da Terra, de raios gama, que eram captados aqui, essas fontes deviam representar

explosões de mundos materiais e antimateriais que se encontraram. Pois bem, esta teoria levou então os cientistas a procurarem uma hipótese para a explicação da possibilidade de mundos materiais e antimateriais permanecerem conjuntamente no espaço, sem explodir durante milhões e milhões de anos. E a conclusão foi a seguinte: a hipótese mais aventada e que mais conseguiu sustentação foi a que Isaac Asimov expõe nesse livro, a hipótese de que no seu estado natural, grandes massas de antimatéria constituindo mundos, e de matéria também, ao se encontrarem, elas não provocavam explosão imediata porque, agindo uma sobre a outra, produziam um terceiro elemento, que seria uma espécie de intermediário entre a matéria e a antimatéria. A este elemento eles deram o nome de fluido. Um fluido ainda desconhecido, que separava os dois mundos e permitia que eles vivessem conjuntamente.

Muitas das teorias abordadas por Asimov, em suas obras, são, praticamente, uma antevisão do futuro, porém, o citado terceiro elemento gerado é, ainda, um enigma para a ciência. E, mais, ainda, trata-se de um fato material e não espiritual.

Como a Ciência Humana segue progredindo, a partir de experimentos e teses, recentemente ficou demonstrado que uma das propriedades da matéria (“brilhar” – emitir luz) também é propriedade da antimatéria [14].

A explicação de Asimov é muito curiosa, porque ele diz que quando uma gota d’água cai na chapa do fogão, a gota não se evapora imediatamente, porque ao tocar a chapa ela produz vapor; o vapor a levanta sobre a chapa, ela fica no ar, e então continua ainda a

existir durante um certo tempo, graças ao vapor que separa a chapa do fogão da água. Esta é a explicação que ele deu para se ter a ideia da possibilidade da convivência dos dois mundos no espaço, de matéria e antimatéria. Pois bem, essa explicação coincide com a teoria espírita do perispírito, que permite a existência conjunta do Espírito e da matéria, do corpo material.

Aqui o Professor segue entendendo que “antimatéria” seria algo como o Espírito. Os estudos contemporâneos em Física demonstram o oposto disso.

O corpo perispiritual, que é considerado no Espiritismo como semimaterial, segundo nós vemos em “O livro dos Espíritos” – quer dizer, contendo elementos de matéria e elementos espirituais –, este corpo serve de intermediário entre o Espírito e a matéria. Pois bem, a teoria física para explicação da convivência de mundos de antimatéria e mundos de matéria no espaço vem reproduzir simplesmente no plano cósmico a teoria espírita existente para o microcosmo, que é o nosso corpo.

Acho que este passo da ciência é de grande importância. Mas sabemos que posteriormente, dois ou três anos depois, os cientistas soviéticos materialistas descobriram, nas suas pesquisas de laboratório, que a antimatéria existe aqui mesmo na Terra, e ligada mesmo ao átomo; o antiátomo e o átomo estão interpenetrados. Esta outra descoberta traz uma posição também muito favorável ao Espiritismo, porque vem confirmar a interpenetração de Espíritos e matéria, que é sustentada como fundamento da doutrina espírita.

Podemos considerar que Herculano foi, como Kardec, ufanista quanto ao avanço da ciência espírita perante a ciência material, acreditando que elas se “encontrariam”, ou uma complementar a outra. Na verdade, como sabemos, a ciência material seguiu e segue progredindo, em função da atividade humana, de pesquisa, experimentação e teorização, enquanto teoria da matéria. A ciência espírita, todavia, ficou praticamente restrita ao tempo originário de Kardec (1855-1869), já que os espíritas não seguiram evocando e interrogando as Inteligências Invisíveis, de forma sistemática, organizada e progressiva. No aspecto filosófico, entretanto, foram possíveis avanços em relação ao pensamento espiritista, por todo o Século XX – com pensadores do quilate do próprio Herculano Pires – e, também, no século em curso.

Jorge Rizzini – E você acredita, Herculano Pires, que a ciência materialista dos nossos dias, que já fez essas descobertas formidáveis, que confirmam pelo menos em parte o que a doutrina espírita vem apregoando há mais de um século, você acredita que essa ciência materialista, em particular a parapsicologia, essa ciência irá comprovar todos os fenômenos que Allan Kardec, há mais de cem anos, comprovou e deu em miúdos, em trocados, no seu livro “O livro dos médiuns”?

O jornalista Rizzini reproduz o pensamento comum e corrente dos espíritas do século passado e que é majoritário no atual – apesar de muitas vozes dissidentes, em minoria, é claro, se manifestarem em sentido diverso. Há, na pergunta, a preocupação “existencial” dos espíritas em geral, traduzida na expressão “a Ciência (material)

comprovará o que o Espiritismo afirmou na segunda metade do Século XIX”, como se houvesse, mesmo, a possibilidade dos conceitos científicos da materialidade humana se debruçarem sobre fenômenos espirituais ou sobre a própria realidade do Espírito. Todas as Ciências, independentemente do objeto de estudos e do método e da epistemologia empregados, perscrutam acerca de fenômenos e leis da matéria, não sendo hábeis, como disse Kardec, para “penetrar” nos elementos espirituais, e vice-versa. Se há um (ou mais) ponto(s) em que as leis materiais e as espirituais se “encontram”, em face da existência do Universo e da causa inteligente que gerou um efeito inteligente, as duas realidades correm em paralelo, com a incidência de parâmetros espirituais sobre a circunstância da existência e da realidade físico-material. Portanto, esperar que a Biologia, a Física, a Química, a Matemática, a Astronáutica, ou qualquer das ciências tidas como exatas, enveredem sobre questões espirituais é o mesmo que esperar que uma criança de poucos anos de idade, na infância, consiga realizar a programação de um microcomputador ou de um aplicativo de celular.

J. Herculano Pires – Nem há dúvida a respeito. Nem há dúvida pelo seguinte: porque você falou da parapsicologia. Bom, nós estamos falando da física. A física é, como disse o professor Rhine – que é um dos fundadores da parapsicologia moderna –, a física foi até agora a ditadora das ciências. Todas as ciências seguiram os métodos físicos de pesquisa e basearam-se sempre nos conceitos físicos para a sua formulação de hipóteses e as suas concepções.

Pois bem. Apesar disso, a física, como nós vimos, já rompeu os limites físicos da sua estrutura, ela penetrou no campo do Espíritos.

Herculano reproduz o pensamento científico de grande parte do Século XX, onde as ciências físicas (e não somente a Física) detinham a primazia do conhecimento (científico), em função das pesquisas quantitativas. Muito se avançou e as pesquisas qualitativas, ainda mesmo no século passado, permitiram a valorização das ciências não-físicas, como as sociais.

Quanto à última afirmação, já destacamos antes – e isso figura na própria filosofia espírita originária, a de Kardec – de que os objetos (das ciências materiais e da Ciência Espírita) são distintos, logo é (e será, sempre) impossível – do ponto de vista da materialidade – que as ciências físicas penetrem “no campo dos Espíritos”.

Para exemplificar, tomemos o contido no item 16, do Capítulo I, de “A Gênese” (edição original, não adulterada), em que consta:

“Da mesma forma que **a Ciência** propriamente dita **tem como objeto o estudo das leis do princípio material**, o **objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual**. [...] **o Espiritismo e a Ciência se completam**; que a Ciência sem o Espiritismo está impossibilitada de explicar certos fenômenos recorrendo somente às leis da matéria” (marcações nossas).

Quanto à parapsicologia, ela não é propriamente uma ciência que possa ser incluída no campo materialista. Aliás, foi uma das declarações mais importantes dos seus fundadores, tanto o professor Willian McDougall, inglês, quanto o professor Joseph Banks Rhine, norte-americano, a declaração de que a

parapsicologia era a ciência que dava o primeiro passo no rompimento do arcabouço materialista da nossa concepção científica do universo. Realmente era, porque quando ela provou, em 1940, depois de dez anos de pesquisa intensiva de laboratório, quando a parapsicologia provou a existência da telepatia e da clarividência, sendo em primeiro lugar a clarividência, ela já demonstrou aquilo que o professor Ernesto Bozzano dizia: demonstrou que existe no homem um conteúdo que não é físico, não é material.

Então a parapsicologia deu um passo realmente anterior ao passo da física no rompimento do arcabouço materialista da nossa concepção do universo. Mas, na parapsicologia atual, nós já vemos que praticamente a escala de fenômenos paranormais, ou de fenômenos mediúnicos, registrados no Livro dos médiuns, desde a simples transmissão de pensamento até a clarividência, a precognição – ou visão do futuro –, a retrocognição e assim por diante, subindo essa escala, nós vamos passando pelos fenômenos teta, que são os fenômenos de manifestações do Espíritos, e vamos chegar até mesmo a este último fenômeno que está sendo investigado atualmente que é o da memória extracerebral, ou seja, chegamos ao campo da reencarnação.

Então vemos que a parapsicologia cobriu praticamente, a partir dos fenômenos mais simples, mais rudimentares, como a telepatia e a clarividência, cobriu todo o campo fenomênico do Espiritismo. Quanto à materialização, que você lembrou, ela também está

incluída, não só pelas pesquisas já feitas pela metapsíquica e que a parapsicologia atual aceita – mas pretende renovar no campo de pesquisas –, mas também pelas pesquisas feitas na parapsicologia sobre os fenômenos psicocinéticos, ou seja, de ação da mente sobre a matéria: os fenômenos chamados psi-kapa.

De maneira que no campo geral da fenomenologia espírita, a parapsicologia como ciência de tipo comum, ligada às ciências normais, sem nenhuma tentativa assim de colocação do problema em termos espíritas, ela já endossou praticamente toda a verdade espírita.

Decorrido tanto tempo, desde a entrevista até o contexto da terceira década do Século XXI, ainda a discussão acerca da Parapsicologia ser ou não (uma) Ciência, motiva acalorados debates e também é tema de pesquisas acadêmicas.

Grande parte do “preconceito” associado a essa questão (cientificidade x não-cientificidade) decorre das pessoas correlacionarem os estudos e investigações parapsíquicas ou parapsicológicas com religiões e terapias alternativas. Isto porque é bem comum no “ambiente espiritualista” (em que as instituições espíritas e os próprios adeptos da Filosofia Espírita estão inclusos) indivíduos que se valem de conhecimentos em Parapsicologia para “comprovar” a ocorrência de fenômenos psíquicos/mediúnicos, ou para validar os “milagres” e, ainda, para confirmar a existência (sobrexistência) dos Espíritos (desencarnados). Essas questões, no

entanto, não são do escopo da chamada Ciência Parapsicológica ou Parapsicologia Científica.

Em uma recente Dissertação, o acadêmico Fábio Lázaro Oliveira Queiroz discute a temática a partir do título do seu trabalho científico (“A Parapsicologia é Ciência?”). Entre suas conclusões, destacamos o seguinte trecho [15]:

“é possível dizer que o critério de Mahner se mostrou adequado para a demarcação da parapsicologia. [...] Tais críticas geralmente dirigidas contra a área se resumem na sua falta de replicabilidade, na ausência de teorias que expliquem o domínio de investigação, na má-qualidade metodológica do campo e no conflito do fenômeno com pressupostos filosóficos essenciais à ciência". Então, torna-se necessário aprofundar, em outros estudos, os "aspectos mais positivos do campo, por exemplo, quais são e como são articuladas as teorias que tentam explicar o domínio de investigação e como se dá a replicabilidade em parapsicologia e como ela se compara com outras áreas científicas” (Queiroz, 2022:133).

Jorge Rizzini – Perfeito. Vamos então à segunda pergunta, Herculano. E a sua resposta é dirigida aos ouvintes do futuro. Esta fita pretende ser guardada, ser doada ao Museu Espírita da Guanabara. Ela, portanto, pertence ao homem do futuro. Como você vê o Espiritismo hoje, em 1972, em face da filosofia?

J. Herculano Pires – Esta pergunta é bastante interessante, Rizzini, porque realmente a filosofia espírita é uma filosofia de renovação,

como nós já tivemos a ocasião de ver no início da conversa. É uma filosofia que pretende renovar inteiramente a nossa concepção do mundo, da vida e do homem, e que está – não apenas pretende –, porque ela está realmente na prática promovendo essa transformação.

Nós sabemos que no nosso século, o século 20 em que estamos, a filosofia característica desse século, considerada por todos os que conhecem o assunto, é a chamada filosofia da existência, a filosofia existencial ou, como alguns chamam, o existencialismo. Pois bem, no campo da filosofia da existência, nós temos várias divisões: temos o seu nascimento, por exemplo, no meio puramente protestante, com Soren Kierkegaard. Mas temos também o seu desenvolvimento no campo católico, com Gabriel Marcel, na França, e temos o desenvolvimento também na Alemanha, no campo protestante dessa filosofia, com grandes pastores e grandes pensadores.

E temos, como sabemos, na França, ainda, o grande desenvolvimento dessa filosofia no campo, não digo materialista, mas pelo menos no campo do ceticismo e ligada praticamente ao ateísmo, que é a corrente que tem à sua frente Jean Paul Sartre. O existencialismo sartriano é a filosofia da negação, a filosofia do nada. Mas quando nós investigamos o problema do existencialismo em relação com o Espiritismo, nós vemos que o Espiritismo se antecipou mais de cem anos ao aparecimento, ao desenvolvimento desta filosofia em nosso tempo. Não digo propriamente o

aparecimento, porque Kierkegaard é praticamente um contemporâneo de Kardec.

Mas Kierkegaard não fundou uma filosofia; ele apenas deu as notas fundamentais que seriam desenvolvidas posteriormente e que tomariam então, em nosso século, o aspecto de filosofia da existência. Portanto, o problema foi colocado, mas não desenvolvido. Ora, nós verificamos o seguinte: a filosofia da existência tem por finalidade examinar o problema do ser através da existência. A existência nos oferece a possibilidade de uma investigação do ser, não apenas no campo do pensamento abstrato, através da cogitação filosófica, mas diretamente no estudo do homem. O homem é o ser que está concretizado na Terra, manifestado na Terra. Esse homem manifestado na Terra, ele nos oferece uma possibilidade de abordagem para o estudo filosófico do ser, de maneira, podemos dizer, quase concreta.

Pois bem, essa tentativa da filosofia da existência, que inverte os termos da filosofia clássica, em vez de partir do exame dos problemas puramente espirituais para a indagação filosófica, parte da existência viva do homem na Terra – essa posição é precisamente a posição espírita. Quando Kardec afirmou que nós temos de investigar a natureza do homem através da mediunidade – porque a mediunidade oferece um novo campo para a descoberta dessa verdadeira natureza humana –, ele já se colocava na mesma posição de Kierkegaard, com uma diferença: que Kierkegaard partia, como teólogo, de uma posição abstrata, ao passo que

Kardec partia, como cientista, de uma posição concreta. Ele submetia a criatura humana a todas as experiências necessárias para investigar a realidade essencial do homem. E foi através dessa investigação que ele descobriu não só o Espírito humano encarnado, mas também a possibilidade das comunicações e manifestações dos Espíritos desencarnados. Isto é de importância muito grande. A filosofia da existência implica ainda no exame da importância da existência do homem na Terra, e do seu destino, o seu destino após o terminar a existência.

Podemos lembrar, por exemplo, que Martin Heidegger, na Alemanha, que foi praticamente um dos mestres de Sartre, Martin Heidegger na sua filosofia do ser – ele que se nega a se chamar existencialista, mas que se inclui na filosofia da existência, porque a sua posição é tipicamente existencial –, ele na sua filosofia do ser afirma o seguinte: que o homem, ou melhor, o ser se completa na morte... [inaudível] E de experiências de vital importância para ele, e ele completa realmente um ciclo da sua evolução, partindo então para uma experiência no espaço, da qual voltará em nova existência na Terra. Como vemos, a filosofia, no campo da filosofia, o Espiritismo está também confirmado pela mais recente corrente de filosofias atuais, sem contar as confirmações anteriores, que vêm desde Platão, desde os gregos, através de todo espiritualismo na filosofia clássica.

A Filosofia é o vértice basal do Espiritismo que o identifica no conjunto dos conhecimentos humanos, como Filosofia Espírita. Seja

na época de Kardec, como na de Herculano (que, como visto acima, dialoga com um filósofo do seu tempo, Sartre [16]), como na nossa, é ele o “campo” em que o Espiritismo mais viceja, a partir de estudos, digressões, apresentações de teorias e, é claro, no sentido da fundamentação da Ciência Espírita, podendo-se falar, como assaz ocorre com qualquer ciência humana, na Filosofia da Ciência do Espiritismo.

De Kardec aos nossos dias, deve ficar em relevância o postulado que define o próprio Espiritismo, como destacou Kardec, ao apresentá-la à Humanidade: “O Espiritismo é a ciência que trata da natureza, da origem e da destinação dos Espíritos, e das suas relações com o mundo corporal” (“O que é o Espiritismo”, Preâmbulo – Kardec, 1993:12).

Ninguém mais do que Herculano se debruçou sobre a filosofia do Espiritismo, o que levou Humberto Mariotti e Clóvis Ramos (na obra “Herculano Pires: filósofo e poeta”) a afirmarem que ele seria o “precursor da filosofia do futuro”. Não é a toa que, o próprio Existencialismo que tem em Sartre um de seus maiores expoentes, foi antecipado por Herculano, como reforçam os autores acima mencionados: Herculano foi “um precursor da filosofia existencial traduzindo-a em *filosofia interexistencial*, pois teve a capacidade metafísica de compreender que o conhecimento, o ser e o juízo filosófico só se compreendem com uma concepção oníbarcante ao reduzir à unidade substancial o fator determinante de todo saber espiritual e histórico”. A diferença é que o Existencialismo Sartreano é materialista e o Herculanoista é espiritualista. (Mariotti; Ramos, 1984:14 e 17, destaque do original).

Jorge Rizzini – Perfeito, Herculano Pires. E vamos então à terceira pergunta básica, para os ouvintes do futuro. Como você enxerga, qual a visão que você tem do Espiritismo, do ponto de vista religioso, em face do mundo moderno e em face das religiões atuais, em geral?

J. Herculano Pires – Nesse campo também nós assistimos aquilo que podemos dizer uma verdadeira corrida do pensamento contemporâneo em direção aos princípios espíritas. Poderíamos lembrar, por exemplo, inicialmente, no campo do catolicismo, o catolicismo romano, que tem sido o mais renitente, o mais teimoso em permanecer no passado. Nós vemos que a Igreja Católica Apostólica Romana apresenta-se fragmentada e profundamente abalada em nosso tempo. E fragmentada não apenas na sua estrutura religiosa, social e política, mas também fragmentada no tocante ao seu pensamento, à sua solidez teológica, que desapareceu ao impacto do mundo moderno.

Então nós vemos as renovações que se passam no catolicismo, todas elas na direção da verdade espírita. Poderíamos falar exteriormente, no tocante ao culto, à liturgia, às transformações, seguindo essa tese famosa, que se tornou famosa em nosso tempo, do esvaziamento da Igreja, no sentido de esvaziar a Igreja de todos os acessórios que lhe foram dados através dos séculos, para que ela possa voltar ao cristianismo primitivo. A eliminação das

imagens, dos altares excessivos, de todos os enfeites que existem na Igreja, a eliminação do ritualismo, de tudo isso que está realmente desaparecendo. Isso tudo está mostrando que, do ponto de vista exterior, as religiões – isto não se passa apenas no catolicismo, como sabemos, mas nas demais religiões –, estão caminhando para aquela simplicidade primitiva do cristianismo que o Espiritismo sustenta, defende e prega. Mas no campo teológico, que é o mais importante porque é o substancial, é o campo do pensamento dirigindo as igrejas, nós encontramos essa revolução extraordinária que está aí.

Por exemplo, a teologia do padre Teilhard de Chardin no catolicismo. O padre Teilhard de Chardin foi quase fulminado pelos anátemas dos seus contemporâneos. No entanto, agora, a Igreja está caminhando rapidamente para a aceitação de todas as teses do padre Chardin. E quais são essas teses? Basta dizer que o padre Chardin nos parece, quando nós lemos o seu livro fundamental, O fenômeno humano, ou qualquer outro dos seus livros, nos parece um decalque, ou simplesmente uma cópia carbono, modificada um pouco para se adaptar ao pensamento católico, dos livros de Léon Denis, que foi o continuador de Allan Kardec, o discípulo dele.

O primeiro ponto a destacar é que, o Espiritismo, a partir da publicação da obra inicial (“O livro dos Espíritos”, 1857) adentrou num campo conhecido como filosófico-religioso. Já no primeiro livro como, em especial, em três dos que lhe seguiram (“O evangelho

segundo o Espiritismo, 1864, “O Céu e o Inferno”, 1865 e “A Gênese”, 1868), Kardec postula sobre questões que eram de titularidade das Igrejas (sobretudo, considerando o *locus* europeu, a Católica e a Protestante, como espécies representativas do Cristianismo litúrgico). Em “O que é o Espiritismo” (1858), sua segunda obra, Kardec dialoga com um sacerdote, contrapondo as críticas e os sofismas que a autoridade clerical direcionava à Filosofia Espírita.

Assim sendo, mesmo que não fosse objetivo primaz do trabalho de Kardec (em parceria com as Inteligências Invisíveis), em face dos “objetos de pesquisa” ou dos “temas de sua natureza”, o Espiritismo acabou ocupando um papel bastante similar ao das igrejas, em relação às crenças, às dúvidas e às buscas dos indivíduos, tanto os do Século XIX, quanto o dos tempos que lhe sucederam, até chegar aos nossos dias.

A pergunta rizziniana é direcionada ao conteúdo “religioso” do Espiritismo. E é preciso entendê-la muito mais do que a mera palavra “religioso” (ou “religião”, da qual ela deriva) simboliza. São os próprios espíritas em geral, aliás, que se apressam em dizer que o Espiritismo não possui os elementos que caracterizam uma igreja, seita ou religião. Mas, na prática, mesmo que não haja liturgias, sacramentos e autoridades eclesiais, percebe-se muita similaridade entre os comportamentos, posturas e atividades que se realizam nas instituições espíritas e o que se pratica nas igrejas em geral.

Herculano se debruça sobre o Catolicismo para dizer que, lá na década de 1970, o Catolicismo teimava “em permanecer no passado”. Essa permanência, sabemos, é derivada do próprio

dogmatismo da Igreja, que erigiu seu catecismo sobre “verdades inquestionáveis”, as quais fundamentam os sacramentos e as próprias liturgias. Visões como o pecado original, a virgindade de Maria, Mãe de Jesus, a Ressurreição da carne, o Juízo Final, o Céu, o Inferno e o Purgatório, pertencem a esse imobilismo doutrinário cristão que não pertence apenas ao Catolicismo mas às igrejas em geral dele derivadas.

Quanto à afirmação de que a igreja estaria “fragmentada e profundamente abalada em nosso tempo”, entendemos que é natural que haja correntes de pensamento (interpretativas) que se alternam na condução dos concílios e dos mandatos papais, como acontece atualmente, estabelecendo-se diferenças importantes entre João Paulo II, Bento XVI e o atual Francesco. E isto também se verifica abaixo em relação a bispos e padres, dentro da liberdade de expressão e de convicção da fé religiosa. Tal qual acontece, no campo filosófico, com os espíritas, registre-se.

Depois Herculano surpreende com a afirmação de que as renovações na igreja romana estariam ocorrendo “na direção da verdade espírita”, conforme os variados exemplos que ele se utiliza em sua resposta. Este é o ponto que nos chama mais a atenção: verdade(s) espírita(s)? Não seria melhor dizer “verdades espirituais”? Sim, porque o Espiritismo não é o conteúdo das obras publicadas por Kardec no século XIX. Nem poderia ser. O Espiritismo DEVE estar EM MOVIMENTO. E estar em movimento significa permitir o exercício interpretativo e, principalmente, como recomendou o próprio Kardec, acompanhar o progresso das Ciências e, ao mesmo tempo, continuar indagando das Inteligências

Invisíveis acerca de temas que interessam à Filosofia Espírita. Então não temos “verdades espíritas” mas verdades espirituais interpretadas pelo Espiritismo.

Neste sentido, como tudo é progressivo – isto é, obedece à Lei do Progresso – indivíduos e grupos passam a entender melhor as leis que regem a vida físico-espiritual e o progresso no conhecimento proporcionado pelas ciências e pelas filosofias acaba resultando em entendimentos mais aclarados sobre múltiplas questões do nosso cotidiano. Isso impacta nas religiões, assim como impacta o Espiritismo.

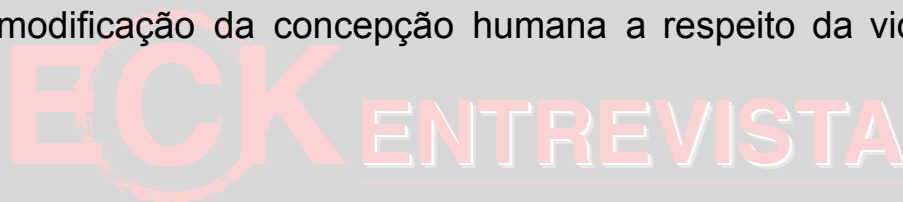
Lembrando um dos adágios atribuídos a Yeshua, o nosso Magrão, “o vento sopra aonde quer” e, em distintas concepções filosóficas e culturais de todos os tempos, Espíritos despertos constroem teorias e apresentam ideias que acabam influenciando em parte ou toda a geração temporal planetária.

Esperamos, assim, que as ideias espirituais-espíritas, divulgadas na sociedade e, também, a efetiva participação de espíritas em ambientes dialéticos e dialógicos, laicos, sobretudo as academias científicas e os órgãos de representação política, possam desembocar no progresso individual e coletivo, objetivo, aliás, da própria Filosofia Espírita.

Jorge Rizzini – Aproveitando essa deixa, vamos abrir um parêntese: você acredita então, Herculano Pires, que a doutrina espírita, avançando como está, avançando dia a dia por toda a superfície da Terra, acredita que o Espiritismo, pelo seu desenvolvimento no

sentido da amplitude do movimento espírita de todos os países, acredita que o Espiritismo irá dominar totalmente, as religiões irão desaparecendo aos poucos, em face das conversões do povo, das massas?

J. Herculano Pires – Rizzini, eu não encaro precisamente assim. Eu acredito que a função do Espiritismo, como, aliás, queria Kardec desde o princípio, ele não pretendeu, segundo ele declara positivamente, inclusive no livro “O que é o Espiritismo”, ele não pretendeu de maneira alguma fazer uma nova religião, entre tantas religiões existentes na Terra. Ele queria, como codificador do Espiritismo, dar uma contribuição para a modificação das religiões, para a modificação da concepção humana a respeito da vida na Terra.



Essa contribuição é que era importante, era a que ele dava grande importância. Mas nós sabemos que o Espírito da Verdade, em suas comunicações com Kardec, e outros Espíritos pertencentes à sua falange, deram grande importância ao problema religioso. Por quê? Porque o problema religioso é fundamental. O homem que não estiver integrado numa concepção religiosa profunda, ele não tem as possibilidades da evolução necessária, não se abrem diante dele as perspectivas do futuro como devem se abrir. É necessário que haja religião.

Eu entendo que o Espiritismo não irá dominar a Terra, como uma forma religiosa. Entendo que ele fará o que o cristianismo fez, com relação à transformação do mundo antigo, o mundo clássico greco-romano. Nós sabemos que o cristianismo modificou esse mundo em todos os seus aspectos; modificou no campo da política, modificou no campo jurídico, no campo filosófico, no campo das estruturas sociais, enfim, em todos os sentidos ele modificou, de acordo com os seus lineamentos, os lineamentos cristãos. Estes lineamentos não eram perfeitos, a modificação não foi total. Mas o Espiritismo está realizando o completamento dessa obra; o Espiritismo está transformando tudo através da influência dos seus princípios fundamentais, porque esses princípios correspondem à realidade, correspondem à verdade.

Aplausos efusivos ao Professor por reiterar a verdadeira ideia de Kardec acerca do Espiritismo e sua proposta para a Humanidade (de todos os tempos): Kardec jamais fundou ou desejou fundar UMA religião. Como acentua o filósofo de Avaré, Kardec (com seu “invento”, o Espiritismo) desejou “dar uma contribuição para a modificação das religiões, para a modificação da concepção humana a respeito da vida na Terra”.

Assim, a visão espiritual-espírita dos fatos, das relações humanas, da vida físico-material, dos contextos individual e social e tantas outras questões e contextos, seria muito importante para a mudança de paradigmas de entendimento e de ação por parte dos humanos.

E é aí que temos o principal calcanhar de Aquiles de nosso momento atual e do meio espírita. Estamos realmente contribuindo para que inúmeras pessoas entendam o mundo e a si mesmas com as “lentes espíritas”? Qual é a efetiva mensagem que os espíritas estão comunicando aos semelhantes, ou ao mundo como um todo.

Há muita timidez [17] na difusão da proposta espírita, o que representa, na prática, a ausência dos espíritas em foros sociais importantes, em que se discutem políticas públicas e, também, no âmbito da Ciência e da Filosofia Espíritas, em variadas áreas, não há discussões aprofundadas que permitam o diálogo dos saberes espíritas com outros saberes.

Não é outra senão a constatação futurística de Herculano, quando ele pontua: “o Espiritismo não irá dominar a Terra, como uma forma religiosa”, mas “fará o que o cristianismo fez, com relação à transformação do mundo antigo, o mundo clássico greco-romano”, com mudanças “em todos os seus aspectos [...] política, [...], campo jurídico, [...] filosófico, [...] estruturas sociais, enfim, em todos os sentidos”.

Mas, querido Professor, ao contrário de suas previsões, não, o Espiritismo não “está transformando tudo através da influência dos seus princípios fundamentais”, justamente porque não há espíritas patrocinando a difusão desses princípios” nos círculos e ambientes sociais, notadamente os acadêmico-científicos e os político-sociais, capazes de empreender profundas transformações em nossa civilização.

Jorge Rizzini – Mas o Espiritismo, dominando, penetrando em toda a humanidade, reformando, trazendo à humanidade uma nova cultura, uma nova visão de Deus, uma nova visão do destino, uma nova visão cósmica, as religiões irão subsistir?

J. Herculano Pires – Acredito que as religiões podem subsistir. Não todas, é claro, porque há religiões ainda tão retrógradas, tão atrasadas mesmo no seu desenvolvimento, que não podem atingir o futuro, a não ser que se reformulem totalmente. Mas nós sabemos que uma característica do ser, ou seja, da criatura, seja ela humana ou divina, uma característica é a sua individualidade. Cada criatura humana é uma posição na corrente do tempo, assim como um barqueiro na corrente de um rio tem a sua posição própria e o outro tem outra. Cada consciência humana tem, portanto, a sua própria posição diante da vida, do mundo e dos problemas humanos.

Então, nós sabemos que os homens nunca poderiam ser totalmente aglomerados numa posição única. E essas diferenças individuais produzem também as diferenças de agrupamentos. Assim como, apesar do domínio do cristianismo durante os dois mil anos decorridos – apesar do domínio do cristianismo, nós vimos que ele se fragmentou em numerosas posições, determinadas pelas seitas religiosas –, também acredito que a modificação produzida pelo Espiritismo não será igualitária do homem, não irá estabelecer uma igualdade absoluta, mas irá criar a possibilidade de uma sintonia, no tocante aos problemas fundamentais. Isto sim. Isto caracterizará a era espírita que, para nós, está surgindo agora no século 20.

Essa era espírita está marcando já os pontos fundamentais, para os quais estão convergindo todas as correntes do conhecimento, como nós vimos no campo da ciência, da filosofia e da religião. É nesse sentido que eu acredito que haja uma igualdade, não total, não massiva, por assim dizer, mas uma igualdade num plano abstrato do pensamento, numa concentração de todos os espíritas para os pontos fundamentais da doutrina espírita.

Concordamos com Herculano, mas, também, com Marx. A religião é (ainda) uma necessidade humana, com seus aparatos, liturgias, adereços e elementos de materialidade, em face da natureza progressivo-espiritual dos humanos terrenos desta terceira década do Século XXI – que repete as “necessidades” humanas dos séculos anteriores. Ainda, portanto, “precisamos” de religiões. Elas irão, como diz o Professor paulista, subsistir.

O que sublima a religião é a religiosidade. Esta acompanha o Espírito desde sua origem. Melhor traduzida como **Espiritualidade**, que é característica essencial do Ser, da individualidade, de sua relação consigo mesmo, com os outros, com sua origem (que muitos chamam, e o Espiritismo, também, de Deus).

Voltando à resposta herculanista, sim, religiões baseadas (majoritária ou exclusivamente) em elementos da materialidade (poder, honra, glória, dinheiro, bens materiais), como muitas que vemos hoje, tenderão a ser tornar peças de museus, pelo desuso,

isto é, pelo desinteresse dos “fiéis” em seguir-lhes os conceitos ou as prescrições “morais” ou religiosas.

E ele destaca a célula-motriz de todo esse processo como sendo as “diferenças individuais” e, por extensão, as “diferenças de agrupamentos”, representando os coletivos humanos e, dentre eles, os de natureza ou conotação religiosa, como igrejas e seitas. O Cristianismo segue “dominante” apenas em uma parte do mundo, a ocidental. No Oriente (ou DO Oriente para o mundo) outras religiões são mais numerosas. Já afirmamos, em artigos e em falas, que o Cristianismo “só” alcança UM TERÇO da Humanidade. Dois terços (a maioria) são de não-cristãos. Logicamente, os espíritas – derivados da ideia inicial de Kardec e do conjunto de suas obras “em parceria” com as Inteligências Invisíveis (estas, majoritariamente, cristãs, conforme se vê não só pelas assinaturas dos mesmos, como pelas expressões utilizadas, a moral dominante e as referências a textos contidos nos livros cristãos originários) – possuem uma forte vinculação com as ideias (não do Cristianismo em si, porque este foi “contaminado” com ideias alienígenas, que o formaram na Igreja Romana, a partir de dogmas, sacramentos e liturgias, mas da Moral de Yeshua, o Magrão).

E isso tem relevância! Sobretudo se conseguirmos focar na essência e não na (mera) letra “evangélica”. Este é o ponto em que o Espiritismo segue patinando, desde a época desta entrevista (1972), aos dias atuais. Ficar preso ao ufanismo de uma “terceira revelação”, única e congregacionista de todos os viventes. A ideia “DO” Paracleto (Consolador Prometido), como já escrevemos alhures, precisa ser transmutada para a “DE UM” Paracleto

(Consolador Prometido). Porque há muitos, e seria leviano afirmar que cerca de 15/20 milhões de Espíritos encarnados que se afirmam espíritas (ou, minimamente, simpatizantes do Espiritismo), no planeta, seriam os “escolhidos” (únicos) dentro de uma população que, hoje, abril de 2025, alcança 8,2 bilhões de pessoas [18].

Um outro ponto a destacar, na fala do Filósofo de Avaré é a expressão “a modificação produzida pelo Espiritismo não será igualitária do homem, não irá estabelecer uma igualdade absoluta”, justamente porque os “modos de ver”, as capacidades de entender e interpretar são tão díspares quanto são as próprias potencialidades humano-espirituais. Não há – e nem poderia haver – uma só forma de entendimento dos postulados espíritas. Eles são interpretativos e se “encaixam” no cotidiano diário dos encarnados (e, também, nas expressões dos desencarnados, que são a continuidade daquilo que somos e do que acreditamos enquanto estivemos sob a vestimenta física.

Herculano volta a ser ufanista e entusiasmado (não como os neófitos que ele tanto criticou, em vida), para afirmar, em 1972 (!), que a “era espírita está marcando já os pontos fundamentais, para os quais estão convergindo todas as correntes do conhecimento, como nós vimos no campo da ciência, da filosofia e da religião”. Não, querido Professor! O Espiritismo – nem como Doutrina nem como “movimento” – conseguiu ou consegue influenciar os que não são espíritas, porque não se propôs nem se propõe a dialogar de forma horizontal e construtiva com as demais correntes de pensamento (filosóficas, científicas ou religiosas). Segue sendo

uma proposta utópica, que até semeia, aqui ou ali, conceitos ou noções sobre Espírito, imortalidade, causa e efeito, reencarnação, Justiça Divina, entre outros, para os “que têm ouvidos de ouvir ou olhos de ver”, como vaticinou o Magrão (Mt; 13:9).

Jorge Rizzini – Todavia, Herculano, ainda abordando esse aspecto, que é muito importante: com a evolução da técnica, com a evolução da sociedade, da humanidade em geral, escolas, faculdades, universidades, a humanidade alfabetizada, porque está marchando para isso, o problema da fome sendo resolvido no futuro com a técnica, com a ciência, e todos os povos tendo conhecimento da doutrina espírita, espalhando-se centros por todo o nosso orbe, você não acredita que esta humanidade lúcida, culta, consciente da sua posição em face do universo, você não crê que não haverá então, em nosso planeta, condição para as religiões vigentes?

J. Herculano Pires – Acho, Rizzini, que realmente a transformação será tão grande, que nós não podemos prever certos aspectos. E é até uma temeridade nós querermos falar deste assunto para o futuro. Mas, em todo o caso, nós estamos dando a medida do nosso alcance no presente.

A perspectiva otimista de Herculano segue como uma projeção, um desejo, ainda sem efetividade. Veja as provocações de Rizzini: “a evolução da técnica, com a evolução da sociedade, da humanidade em geral, escolas, faculdades, universidades, a humanidade

alfabetizada, porque está marchando para isso, o problema da fome sendo resolvido no futuro com a técnica, com a ciência, e todos os povos tendo conhecimento da doutrina espírita, espalhando-se centros por todo o nosso orbe”. E, como consequência, uma “humanidade lúcida, culta, consciente da sua posição em face do universo”.

Há muita similaridade entre essas constatações e aquelas manifestas por Kardec, quase ao final da sua trajetória, quando ele [19] e, também, as próprias Inteligências Invisíveis (em mensagens incluídas na “*Revue Spirite*” [20] e [21]) projetavam para as primeiras décadas do século passado (repetimos, o XX), uma expansão do conhecimento espiritual-espírita e a materialização das necessárias transformações sociais, alcançando o período de regeneração (social).

Sem dúvida alguma, a Humanidade de hoje experimenta uma revolução tecnológica – mais uma, a partir da Indústria 5.0 (combinação e simbiose entre pessoas e máquinas) – nunca vista, com a potencialização de soluções e a democratização do acesso a ferramentas, sistemas e plataformas. Mas ainda padecemos de problemas crônicos (citados pelo próprio Rizzini, como a fome e o analfabetismo, além da indigência social – representada pela ausência do alcance efetivo de Justiça Social para todos os humanos).

Por fim, não vemos, caros amigos Rizzini e Herculano, esse “alcance” da parte de “todos os povos” sobre o “conhecimento espírita”, porque, de fato, o Espiritismo parece ser, ainda – e repetidamente – um conhecimento relegado a guetos,

marcadamente religiosos, que não conseguem competir com as religiões tradicionais e as próprias derivações atuais do Pentecostalismo cristão.

Portanto, é completamente distante, em 2025, falarmos, como falaram os citados, em uma “humanidade lúcida, culta, consciente da sua posição em face do universo”, pelo rol de carências, dificuldades e limitações da imensa maioria da população terrena.

Jorge Rizzini – Mas eu estou me referindo ao futuro sem marcar data, lembre-se disso.

J. Herculano Pires – Sim, não há dúvida. Mas de qualquer forma, o futuro sempre virá trazendo coisas em que nós nem sequer pensamos hoje. Mas eu acredito que realmente não haverá necessidade de insistirmos no domínio, por exemplo, do pensamento espírita, no sentido como nós o conhecemos hoje, para todo mundo. O importante é que o Espiritismo sirva de fermento, aquele fermento de que fala Jesus no Evangelho, o fermento que modifica, que leveda a massa do mundo e a transforma. É esta a grande função do Espiritismo.

E ele não tem mesmo pretensões a um domínio religioso, porque ele acha – e os seus postulados são bem claros nesse sentido – que deve haver sempre, como base fundamental para a evolução das criaturas, o princípio da liberdade, sem o qual não haverá também o princípio da responsabilidade. Ora, a liberdade de cada

indivíduo e a liberdade de grupos de indivíduo é que possibilitará, dentro mesmo da concepção espírita da vida, que irá dominar o planeta – a concepção espírita sim, esta irá dominar totalmente o planeta –, haverá a possibilidade de formações, de agrupamentos, de ponto de vista religioso, que possam divergir de outros agrupamentos. Acho que poderá haver realmente diversidade de religiões, mas sempre dentro de uma norma geral, que será a norma espírita.

Neste ponto, acerta o Professor, ao destacar que o futuro, em relação a qualquer presente, o da época da entrevista ou hoje mais de cinquenta anos após, “sempre virá trazendo coisas em que nós nem sequer pensamos hoje”. Eis a marcha inexorável do progresso e que pode ser verificada em relação às novas gerações que aí estão (nossos filhos e netos).

Herculano também é muito feliz ao distanciar-se do comum e tradicional proselitismo espírita – no sentido da conversão dos outros ao Espiritismo – quando apõe: “não haverá necessidade de insistirmos no domínio, por exemplo, do pensamento espírita, no sentido como nós o conhecemos hoje, para todo mundo”, destacando a função de fermento que o ideário espírita (teoria e práxis) possa simbolizar em relação à “grande massa” que é a população do planeta.

Igualmente assiste razão ao Filósofo de Avaré quando ele destaca o principal elemento que a Doutrina dos Espíritos deve evidenciar em relação a seus fundamentos e princípios, que é o da liberdade (e da responsabilidade correlata). A liberdade de convicção, de

expressão, de manifestação filosófico-religiosa ou ideológica, sem aviltamentos de qualquer espécie, sem imposição de uma “moral” obrigatória, profissional, eclesiástica, sagrada ou mística, é a marca mais evidente do Espiritismo, justamente porque permite que ela dialogue com quaisquer saberes, sem impor aos outros suas convicções e sem deixar diminuir por fundamentos de outras crenças. Exatamente como conclui Herculano: uma “diversidade de religiões”.

Jorge Rizzini – Bom, de qualquer maneira, é a implantação da doutrina espírita, não nos seus detalhes, mas no seu conjunto na Terra. Seria?

J. Herculano Pires – Sim, o Espiritismo, como nós analisamos ao falar da ciência, filosofia e religião, o Espiritismo está, como aquilo que escreveu Humberto Mariotti, o nosso companheiro da Argentina: o Espiritismo está como uma estrela de amor no horizonte do mundo, esperando que todas as correntes do conhecimento cheguem até ela. A ciência está chegando, a filosofia está chegando, a religião está chegando, a estética está chegando, a técnica está chegando, a descoberta, por exemplo, agora recentemente pelos russos – pelos russos no seu pensamento materialista de Estado, sustentado pelo Estado –, a descoberta que eles fizeram do perispírito é um passo gigantesco no campo da técnica, mostrando que a técnica também está evoluindo para a pesquisa além da matéria e no campo espiritual.

Muito bom Herculano lembrar de Mariotti, esse expoente genuinamente espírita argentino [22], seu contemporâneo. E a expressão escolhida por Herculano para saudar Mariotti não poderia ser mais feliz, no sentido da aproximação (real, ideológica, teórico-prática) entre o Espiritismo e as mais diversas manifestações filosóficas, científicas e culturais do nosso tempo, numa atitude cooperativa, pedagógica de reciprocidade (no sentido de umas aprenderem com as outras, compartilhando saberes) e direcionada à efetiva implantação de sociedades melhores em nosso planeta.

No que concerne à descoberta dos russos, ainda que o termo “perispírito” não tenha sido contemplado nos estudos e pesquisas, repisamos o que o Professor Carlos de Brito Imbassahy, escreveu no final da década de 1990, em texto recuperado e publicado no Portal ECK: “Os russos, ainda na era comunista, também se dedicaram à pesquisa do perispírito por eles conhecido como “psicossoma” – corpo psíquico – e que, como tal, nada teria que ver com os conceitos religiosos que definem o Espírito como “sopro divino”. Lá, a Igreja nada pôde fazer” (Imbassahy, 2025:8).

Neste como em muitos outros *loci*, em que as ciências, investigando, estudando e teorizando, com base em experimentos teórico-empíricos, aproximando-se dos conceitos espíritas, percebe-se a ausência dos pesquisadores e estudiosos do Espiritismo para dialogar com esses importantes ramos do conhecimento humano, permitindo, assim, benefícios recíprocos e

tendentes a “apressar o passo” da marcha progressiva da Humanidade. Até quando?

Jorge Rizzini – E sem esquecer, Herculano, a contribuição dos próprios Espíritos, através do fenômeno mediúnico.

J. Herculano Pires – Sim, é claro. É como dizia Sir Oliver Lodge: nós estamos trabalhando dos dois lados de uma montanha, furando um túnel, dizia ele. Do lado de lá está o mundo espiritual, do lado de cá o mundo material. Nós cavoucamos o túnel através da montanha, do lado de cá, mas os Espíritos estão cavoucando do lado de lá. E vamos nos encontrar no meio do túnel.

Que feliz essa analogia de Lodge, acerca do “túnel” que representa a mediunidade, permitindo o acesso simultâneo a conhecimentos dos mundos material e espiritual. No livro do cientista inglês, intitulado “Raymond”, tem-se a seguinte afirmação: “Na obra “Raymond”, de Oliver Lodge, é transcrita uma mensagem mediúnica e, após ela, tem-se o comentário do cientista: “Reporto-me ao meu livro A sobrevivência do homem, onde há esta passagem: ‘A fronteira entre os dois estados, o conhecido e o desconhecido, é uma parede grossa, mas que vai se afinando em certos pontos; e, do mesmo modo que escavadores de um túnel partidos dos dois extremos, estamos começando a ouvir, aqui e ali, os golpes das picaretas dos nossos camaradas do outro lado’.”.

Herculano, ainda, trata dessa questão ao citar o físico e escritor britânico, em sua obra “Chico Xavier Pede Licença”, escrita em parceria com Francisco Cândido Xavier e com diversas Inteligências Invisíveis: “Vivemos num mundo só, num verdadeiro Universo, mas que deve ser compreendido como Universo, dividido em duas partes. De um lado fica a planície dos homens e do outro o planalto dos Espíritos. Dividindo as duas regiões ergue-se a montanha desconhecida” (Xavier; Pires, 1973:17).

Jorge Rizzini – Bem, Herculano, hoje, dia 14 de julho do ano de 1972 – até vamos dar a hora: exatamente às duas horas da madrugada –, vou pedir a você que dê a sua mensagem aos ouvintes, ao povo do futuro, sem data marcada, porque essa fita será apresentada através dos séculos. Nós, Herculano, lutamos muito, estamos em 1972, nós lutamos vinte, trinta anos consecutivos na defesa da doutrina espírita, em polêmicas, na defesa do Cristo, na defesa de Kardec, na defesa dos nossos princípios, na rádio, na televisão, nos jornais. Então eu peço a você, que traz este lastro, esse currículo maravilhoso na defesa da doutrina, que dê a sua mensagem de estímulo aos espíritas do futuro.

Fazemos questão de comentar a pergunta de Rizzini. A data (1972) é registrada pelo jornalista como relativa a duas/três décadas consecutivas de luta destes dois destacados personagens, Rizzini e Herculano, em defesa da Doutrina Espírita, diante de tentativas (internas e externas) de adulteração das ideias kardecianas, de

confusão com práticas espiritualistas de outros “movimentos”, seitas ou religiões, e da costumeira agressividade de representantes das igrejas (notadamente católica, protestante e as neopentecostais) em relação à mediunidade e às atividades de instituições/grupos espíritas.

No âmbito interno, os dois foram sempre signatários do respeito incondicional aos livros escritos por Kardec diante de tentativas de adulteração de seus conteúdos. O livro “Na hora do testemunho”, de Herculano, relata o triste episódio do passado, para aqueles que queiram conhecer/relembrar o ocorrido.

Por último, vale destacar outra frente (“front”) importante em que militaram esses nossos dois saudosos companheiros, quais sejam as destacadas atuações “na defesa dos nossos princípios, na rádio, na televisão, nos jornais”.

J. Herculano Pires – Eu acho, Rizzini, que a minha mensagem não poderá ser de estímulo a eles. Acredito que essa gente do futuro será tão superior a nós, terá tantas possibilidades maiores diante dela, que essa gente do futuro dispensaria qualquer palavra de estímulo de nossa parte.

Olha, Professor, conhecemos a sua modéstia. Dizer que a geração do futuro – e vamos situá-la no quadrante destas cinco décadas entre o fim do Século XX e o início do XXI – seria superior àquilo que vocês realizaram não é a expressão da verdade. É claro que vocês nutriam essa esperança e essa expectativa. Mas “o futuro

não chegou”, e nos faltam pensadores de sua estatura e com a mesma disposição tanto ao diálogo (com quem deseja dialogar, exatamente como fez Kardec a seu tempo) e ao combate àqueles que tentam diminuir, desclassificar ou alterar/adulterar o pensamento espiritista. Se tivéssemos MAIS Herculanos e Rizzinis, certamente não teríamos os variados problemas em relação ao conteúdo de informações e materiais que “se dizem” espíritas, por exemplo.

Caríssimo Professor, as suas obras e a sua performance, em praticamente seis décadas de trabalho espírita são um estímulo para a existência de diversas iniciativas no meio espírita, e o ECK, especialmente, deriva deste legado.

Eu quero apenas saldar, nesses elementos do futuro, nesses homens maravilhosos de amanhã, nessas criaturas que irão povoar não só o nosso país, o Brasil, de Norte a Sul, de Leste a Oeste, mas que irão povoar todos os países do mundo, quero saldar neles a aurora do novo mundo que está raiando na Terra. E quem sabe, Rizzini, se nós teremos a esperança de estar também presente nessa humanidade nova. Se nós fizermos jus a essa situação, quem sabe se estaremos participando daqueles que irão realmente efetivar na Terra a construção do reino de Deus, iniciada pelo Cristo há dois mil anos. É bem possível que isso aconteça. Então, eu, deixando gravadas aqui essas minhas palavras, despretensiosamente – porque o problema delas serem reproduzidas no futuro não é nosso, é um problema que depende apenas dos organismos que forem guardar essa fita –; deixando

essas palavras aqui, eu quero dizer a essa gente de amanhã que nós trabalhamos para que o amanhã se realizasse, nós lutamos aqui no Brasil, como lutaram outros na Europa, lutaram outros na América do norte, lutaram outros na América do sul, lutaram outros na Ásia, na África, por toda parte. Lutamos para que o Espiritismo pudesse ser estabelecido na Terra como fundamento da nova civilização, do mundo do futuro.

O novo mundo (ainda) não raiou, Professor. Nós continuamos estagnados, derrapando diante de problemas que se mantêm insolúveis, sobretudo se situarmos as nações pobres e as individualidades carentes de tudo, inclusive de Justiça Social.

Mas assiste razão à sua fala sobre aqueles que lutam, no Brasil e em outros países, para que a “nova civilização” que você menciona possa ser uma realidade a partir da ação dos “homens de boa vontade” [23] ou dos “verdadeiros espíritas” [24], os homens de bem [25].

Assim, nós temos de certa maneira um orgulho antecipado, uma satisfação, um encantamento prévio por aquilo que essa gente do futuro estará realizando. Porque nós todos fizemos o nosso esforço, e demos tudo o quanto pudemos para transformar o mundo bárbaro em que vivemos hoje, o mundo do século 20, que é ainda um mundo bárbaro, um mundo de violências, um mundo de guerras, um mundo de provas duríssimas, de tristes e amargos sofrimentos; transformar este mundo bárbaro naquele mundo de maravilhosa

civilização, de elevação espiritual, de fraternidade humana, anunciado pelo Cristo no seu Evangelho. Nós procuramos fazer o possível, nas nossas imperfeições, com as nossas deficiências e dificuldades, nós batalhamos sem cessar para isso e continuaremos a batalhar.

O Professor – apesar da sua conhecida modéstia – acaba confessando que tem aquele orgulho bom, aquela satisfação, aquele sentimento de dever cumprido, quando olha para si e para Rizzini – e, talvez, para mais alguns que componham os dedos de duas mãos, de modo otimista. Diz ele: “fizemos o nosso esforço, e demos tudo o quanto pudemos para transformar o mundo bárbaro em que vivemos”. E reconhece a natureza humana, ainda imperfeita, em que deficiências e dificuldades ainda povoam o cenário das nossas existências, impedindo os necessários avanços. Esse mundo bárbaro a que Herculano se refere não esmaeceu, não se alterou positivamente e prossegue com problemas graves, a ponto de colocar em risco a sobrevivência coletiva neste planeta (notadamente pelas guerras em andamento, pela iminência de um terceiro conflito bélico mundial – a exemplo das duas guerras do século findo – e da depredação do nosso ecossistema terreno).

É assim que envio daqui, nessa noite de 14 de julho de 1972, em São Paulo, Brasil, no momento em que nós lembramos as lutas da Revolução Francesa, as lutas para a implantação no mundo do regime político mais suave, melhor; quando os pioneiros do

momento em que nós estamos, no presente, também lutaram e sofreram como nós; lembrando a epopeia da queda da Bastilha e lembrando também que, na Revolução Francesa, nos ideólogos dessa Revolução, nas transformações que ela produziu no mundo, nós podemos encontrar muitas raízes, por assim dizer, do pensamento espírita, que se desenvolveram através do tempo – problema esse que eu procurei colocar no meu livro “O Espírito e o Tempo”, mostrando a Revolução Francesa como um episódio alegórico da história do mundo, um episódio em que o mito e a história se misturam de tal forma que muitas vezes se confundem.

Lembrando tudo isso, nós queremos dirigir também a nossa saudação neste momento à França de amanhã, à França que viu Kardec nascer, à França que viu o Espiritismo nascer em seu seio, na cidade de Paris – que era então o cérebro do mundo –, à França que teve Léon Denis – aquele que Conan Doyle dizia ser um lutador contínuo através do espaço e do tempo –, de Gabriel Delanne, de Alexandre Delanne e de todos os demais, Flammarion, o grande Flammarion, que anteviu a era cósmica com tanta visão, tanta grandeza de visão.

À França de todos esses gênios e de todos os gênios que realmente lutaram para que o mundo se transformasse, nós queremos enviar daqui a nossa saudação à França de amanhã, à França do futuro, na esperança de que ela – que neste momento, no século 20, está ainda numa situação bastante inferior em face do desenvolvimento do Espiritismo –, que ela tenha readquirido no

futuro o seu elã espiritual, e através disso tenha realmente feito jus à sua condição de berço do Espiritismo ao mundo, de berço da doutrina que trouxe a nova civilização. Esperamos muito da França, e temos a certeza de que, se Deus quiser, brilhará sobre a França, no futuro, o triunfo do Espiritismo.

A lembrança da Revolução Francesa, no cenário social em que Kardec viveu algumas décadas depois da Tomada da Bastilha (14 de julho de 1789), como um “episódio alegórico”, como diz Herculano, endereça-nos ao móvel das ações (transformadoras) humanas. Nem sempre se deve associar a ideia de revolução às armas, embora vários episódios da História assim se constituam.

O Professor ainda lista personalidades daquela França que são muito caras ao pensamento espírita: León Denis, Gabriel Delanne, Alexandre Delanne e Camille Flammarion.

É uma pena que o Espiritismo na França, seu berço e palco de tantos pensadores independentes, libertários e espiritualistas como os acima citados, tenha declinado a ponto de praticamente desaparecer. E muito desse desaparecimento se deu em função das próprias enxertias místicas protagonizadas por aqueles que ficaram à frente do “legado de Kardec”, como temos destacado de forma pontual, retrospectiva, didática, histórico, filosófica, doutrinária e jurídica na seção “Dossiê Adulteração” [26].

Aproveitamos para convidar aqueles que não conhecem esse conteúdo nem estão a par das injuriosas atitudes de adulteração dos livros de Kardec, na França, após a desencarnação do Professor francês, que acessem o nosso conteúdo.

Jorge Rizzini – E aqui, ouvintes do futuro, fica o depoimento de José Herculano Pires. Que você possa tirar dessas palavras, saídas da inteligência e do coração de Herculano Pires, o melhor proveito. Que essas palavras sejam para você um estímulo, para que continue a praticar e a divulgar, a propagar a doutrina espírita, que é a redenção da humanidade, dessa humanidade que vai marchando gradativamente a caminho de Deus, que é o criador do universo, o criador da vida e o nosso verdadeiro pai. Que Deus nos abençoe hoje e sempre.

Aqui encerramos nossa análise da “Entrevista para o Futuro”, cinquenta anos após sua realização. Temos certeza de que os dois queridos amigos e jornalistas, Jorge Rizzini (entrevistador) e Herculano Pires (entrevistado) ficariam felizes em ver esta abordagem, procurando avaliar o exercício que eles fizeram de “falar para o futuro”. Como grande parte das informações dessa riquíssima entrevista permanecem atuais, inclusive no sentido prospectivo, de sugerir ações aos espíritas deste Século XXI, esperamos que a sua leitura e análise possa incentivar os pensadores espíritas da atualidade para as mudanças qualitativas que desemboquem, aí sim, num futuro melhor para os que se encontram encarnados – e os que virão, sucessivamente – neste planeta, a fim de que ele possa, a partir dos progressos individuais, alcançar o estágio de “Mundo de Regeneração”, como afiança a Filosofia Espírita.

Notas:

[1] O material, constante do acervo da Fundação Maria Virgínia e José Herculano Pires, pode ser acessado no seguinte endereço: <<https://fundacaoherculanopires.org.br/quem-somos/herculano-pires/entrevista-para-o-futuro-40-anos-depois.html>>. Acesso em 10. Jan. 2025.

[2] Parte desta entrevista foi publicada por Rizzini em sua obra “J. Herculano Pires: o apóstolo de Kardec”, em 2001, pela Ed. Paideia.

[3] Uma biografia do personagem está disponível em <https://www.ebiografia.com/alexandre_herculano/>. Na obra citada na nota anterior, o jornalista assim arremata: “Herculano Pires, certamente tomado por um súbito sentimento de pejo, não revelou o nome que tivera na existência anterior em Portugal, mas anos depois de sua desencarnação pesquisei a vida dos grandes vultos da literatura lusitana do século XIX e descobri inúmeros pontos de contato (a começar pelo nome) entre ele e o célebre jornalista, romancista, poeta e historiador **Alexandre Herculano**, o qual ao tempo de Allan Kardec se exilara na França. O mesmo caráter impoluto e inflexível; o sentimento religioso; a oposição ao clero; o amor à literatura, particularmente à poesia e ao romance; e, sobretudo, a fidelidade à verdade” (p. 285, grifamos – Apêndice).

[4] No artigo que escrevemos, “Do Metro ao Cento: uma Biografia para os 110 anos de Herculano Pires”, publicado em nosso Portal, afirmamos: “Herculano não nasceu espírita, muito embora o curso anterior de suas vidas sucessivas lhe tivesse permitido acessar alguns conhecimentos e realizar algumas incursões que o aproximariam decisivamente da linguagem e das experiências

metafísicas. Vale salientar que, conforme a ele foi revelado, em uma de suas vidas anteriores, mais especificamente a imediatamente anterior, como **Alexandre Herculano**, jornalista, romancista, poeta do Romantismo e historiador português **(1810-1877)**, **contemporâneo de Kardec**, dado que a família Pires confirmou” (grifamos, aqui).

[5] A expressão é originariamente latina, “*Natura non facit saltum*”. Seria atribuída a Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), filósofo e matemático alemão e, também, ao naturalista e médico sueco Carl von Lineu (1707-1778), sendo citada sete vezes na clássica obra de Charles Darwin (1809-1882), “A Origem das Espécies” (1859).

[6] O texto está expresso na “Revue Spirite”, de Dezembro de 1863, na dissertação “Período de Luta” que perpassa os seis períodos de desenvolvimento humano-espiritual no planeta Terra, nestes termos: “O sexto e último período será o da renovação social, que abrirá a era do século vinte. Nessa época, todos os obstáculos à nova ordem de coisas desejadas por Deus para a transformação da Terra terão desaparecido. A geração que surge, imbuída das ideias novas, estará em toda a sua força e preparará o caminho da que deve inaugurar a vitória definitiva da união, da paz e da fraternidade entre os homens, confundidos numa mesma crença, pela prática da lei evangélica”.

[7] Em “O livro dos Espíritos”, na questão 789, Kardec perguntou acerca de se tornar, o Espiritismo, crença comum, ou se continuaria sendo crença de algumas pessoas. As Inteligências Invisíveis, cabalmente, pontuaram: “Certamente ele se tornará crença comum e marcará uma nova era na História da Humanidade, porque

pertence à Natureza e chegou o tempo em que deve tomar lugar entre os conhecimentos humanos”.

[8] Foi somente em 1984 que a Igreja Católica, por seu pontífice, João Paulo II, quem reconheceu que Galileu estava certo ao afirmar ser o Sol o ponto central do nosso sistema planetário, e não a Terra.

[9] Informações mais detalhadas podem ser acessadas no trabalho de Helerbrock (2024), citado nas Fontes deste documento.

[10] A matéria da BBC Brasil, de abril de 2024, enquadra justamente essa (atual) incompatibilidade que, entendemos, será sanada em um futuro breve. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/crgy54je7w1o>>. Acesso em 10. Jan. 2025.

[11] É possível entender o que se tem feito em termos de pesquisa e ciência, no Brasil, a partir da plataforma governamental do Ministério da Ciência, da Tecnologia e das Inovações, disponível em <https://antigo.mctic.gov.br/mctic/opencms/tecnologia/tecnologias_convergentes/paginas/nanotecnologia/NANOTECONOLOGIA.html>. Acesso em 10. Jan. 2025.

[12] A temática está bem enquadrada em “O livro dos Espíritos”, Livro Primeiro, Capítulo II, Item II.

[13] Maiores informações a respeito podem ser encontradas no artigo de Pallab Ghosh, da BBC News, reproduzido pelo G1, em <<https://g1.globo.com/ciencia/noticia/2023/09/28/antimateria-as-novas-descobertas-sobre-peca-chave-para-entender-como-universo-surgiu.gh.html>>. Acesso em 10. Jan. 2025.

[14] A matéria “Antimatéria brilha exatamente igual matéria” pode ser acessada em <<https://www.inovacaotecnologica.com.br/noticias/noticia.php?artigo=antimateria-brilha-exatamente-igual-materia&id=010130161220>>. Acesso em 10. Jan. 2025.

[15] Dissertação de Mestrado em Filosofia, na Universidade Federal de Mato Grosso.

[16] Jean-Paul Sartre (1905-1980), filósofo, escritor e crítico francês, representante do Existencialismo, corrente filosófica que apregoa que o ser humano é livre e responsável por todas as suas escolhas. Sua principal obra é “O Ser e o Nada”.

[17] Alusão à resposta dada pelas Inteligências Invisíveis a Kardec, na pergunta 932, de “O livro dos Espíritos”: “Os maus são intrigantes e audaciosos; os bons são tímidos”.

[18] Afirmamos, em nosso artigo “Nem coração, nem pátria!”: “Assim, não faz o menor sentido – senão o da arrogância e prepotência – considerar qualquer “missão espiritual do Brasil” à frente de qualquer outro Estado-nação da atualidade. Primeiro, porque a dita “verdade cristã” – que muitos espíritas indicam ser a única fundamentação da Filosofia e da Ética Espíritas – não é majoritária no mundo, porque **praticamente dois terços da Humanidade não reconhece (ou sequer, em numerosos casos conhece) a “mensagem cristã”**. Segundo, porque os valores espirituais não se acham vinculados obrigatoriamente a nenhuma filosofia, crença ou religião, porque são universais, inclusive a partir da própria expressão do Magrão: “o vento sopra onde quer”, não sendo privilégio de nenhum dos saberes e organismos humanos.

Terceiro porque, como Espíritos, não possuímos qualquer apego à pátria, continente ou planeta, dado que nosso vínculo é com o Universo” (Destaques nossos, agora).

[19] Kardec (1999:379, sublinhamos) afirmou na “Revue Spirite”, de dezembro de 1863, na dissertação intitulada “Período de luta”, o seguinte: “A luta determinará uma nova fase do Espiritismo e levará ao quarto período, que será o período religioso. Depois virá o quinto, o período intermediário, consequência natural do precedente e que, mais tarde, receberá sua denominação característica. O sexto e último período será o da renovação social, que **abrirá a era do século vinte**”.

[20] Kardec, em 1867 (1999:248) transcreve uma mensagem mediúnica, sem a identificação do Espírito comunicante, nestes termos: “O vigésimo século será um século bendito, porque verá a era nova anunciada pelo Cristo”, na “Revue Spirite”, de agosto de 1867 (Dissertações Espíritas. Plano de Campanha. Era Nova. Considerações sobre o sonambulismo espontâneo).

[21] Kardec, em 1868 (1999:159-160) apresenta mensagem assinada por “O Espírito da Fé”, em que se expressa: “O vigésimo século apagará o brilho dos séculos precedentes, porque verá o cumprimento daquilo que foi predito. [...] A aurora do século marcado por Deus para o cumprimento dos fatos que devem mudar a face deste mundo começa a despontar no horizonte” (“Revue Spirite”, de maio de 1868 (Dissertações dos Espíritos. Ontem, hoje e amanhã).

[22] Humberto Mariotti (1905-1982), poeta, escritor, jornalista, conferencista e intelectual espírita argentino. Diretor da revista de

cultura espírita "La Idea". Vice-presidente da Confederação Espírita Pan-Americana (CEPA), em duas gestões. Escreveu vários livros e inúmeros artigos na imprensa espírita brasileira, portuguesa e argentina.

[23] Atribui-se a Yeshua, o Magrão, este conceito, que aparece no Evangelho de Lucas, capítulo 2, versículo 14. Boa vontade simboliza o bom ânimo, no sentido do perdão, da compreensão, da acolhida, da ajuda mútua e da intenção de fazer com que o semelhante se sinta bem.

[24] Em 1862, no opúsculo "O Espiritismo na sua expressão mais simples", quando Kardec lista as "Máximas extraídas dos ensinamentos dos Espíritos", item 36, encontramos a definição: "O verdadeiro Espírita não é o que crê nas manifestações, mas aquele que aproveita o ensinamento dado pelos Espíritos. De nada adianta crer, se a crença não faz com que dê nem um passo adiante na via do progresso, e não o torne melhor para seu próximo" (Kardec, 2010:51).

[25] A categorização do homem de bem está contida em "O evangelho segundo o Espiritismo", Capítulo XVII, item 3.

[26] Para acessar o conteúdo dos muitos artigos e documentos: <<https://www.comkardec.net.br/category/dossie-adulteracao/>>.

Acesso em 22. Mar. 2025.

Fontes:

ESPIRITISMO COM KARDEC. **Dossiê Adulteração**. Textos e Documentos Diversos. Disponível em: <<https://www.comkardec.net.br/category/dossie-adulteracao/>>.

Acesso em 22. Mar. 2025.

HELERBROCK, R. Física Moderna. **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/fisica/fisica-moderna.htm>>. Acesso em 22. Nov. 2024.

HENRIQUE, M. Do Metro ao Cento: uma Biografia para os 110 anos de Herculano Pires. **Espiritismo COM Kardec**. Disponível em: <<https://www.comkardec.net.br/do-metro-ao-cento-uma-biografia-para-os-110-anos-de-herculano-pires/>>. Acesso em 22. Nov. 2024.

HENRIQUE, M. Nem coração, nem pátria!. **Espiritismo COM Kardec**. Disponível em: <<https://www.comkardec.net.br/nem-coracao-nem-patria-por-marcel-o-henrique/>>. Acesso em 22. Nov. 2024.

IMBASSAHY, C. B. O Perispírito ante a Psicobiofísica. **Espiritismo COM Kardec**. Disponível em: <<https://www.comkardec.net.br/o-perispirito-ante-a-psicobiofisica-por-carlos-de-brito-imbassahy/>>. Acesso em 22. Nov. 2024.

KARDEC, A. **A Gênese**. Trad. Carlos de Brito Imbassahy. São Paulo: FEAL, 2018.

KARDEC, A. **O Espiritismo na sua expressão mais simples e outros opúsculos de Kardec**. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. Ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

KARDEC, A. **O livro dos Espíritos**. Trad. J. Herculano Pires. 64. Ed. São Paulo: LAKE, 2004.

KARDEC, A. **Obras Póstumas**. Trad. Sylvia Mele Pereira da Silva. Introdução e notas J. Herculano Pires. 2. ed. São Paulo: LAKE, 1979.

KARDEC, A. **O que é o Espiritismo**. Trad. Salvador Gentile. 28. Ed. Araras: IDE, 1993.

KARDEC, A. **Revue Spirite**. Trad. Salvador Gentile. São Paulo: IDE, 1999.

MARIOTTI, H.; RAMOS, C. **Herculano Pires: filósofo e poeta**. Trad. Heloísa Pires e Wilson Garcia. São Paulo: Correio Fraternal, 1984.

PIRES, J. H. **Na hora do testemunho**. São Paulo: Paideia, 1976.

PIRES, J. H.; RIZZINI, J. Acervo Jorge Rizzini. Entrevista para o Futuro: Herculano Pires responde a Jorge Rizzini. Áudio. **Fundação Herculano Pires**. Disponível em: <https://www.fundacaoherculanopires.org.br/o-que-fazemos/acervo-jorge-rizzini/102-%C3%A1udio-jorge-rizzini/504-m%C3%BAsicas-do-al%C3%A9m-volume-5.html>. Acesso em 22. Nov. 2024.

PIRES, J. H.; RIZZINI, J. Acervo Jorge Rizzini. Entrevista para o Futuro – 40 anos depois: Herculano Pires responde a Jorge Rizzini. Transcrição da Entrevista. **Fundação Herculano Pires**. Disponível em: <https://www.fundacaoherculanopires.org.br/quem-somos/herculano-pires/entrevista-para-o-futuro-40-anos-depois.html>. Acesso em 22. Nov. 2024.

RIZZINI, J. J. **Herculano Pires: o apóstolo de Kardec**. São Paulo: Paidéia, 2001.

QUEIROZ, F. L. O. **A Parapsicologia é Ciência?**. Dissertação. Mestrado em Filosofia. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: UFMT, 2022.

XAVIER, F. C.; PIRES, J. H. **Chico Xavier Pedo Licença**. Espíritos Diversos. São Paulo: GEEM, 1973.

